



ENTRE OS MUROS E NÃO MUROS DA ESCOLA

Anderson Rodrigues Corrêa ¹

O Filme...

Entre os Muros da Escola é um filme baseado em um livro homônimo de François Bégaudeau, no livro o educador relata sua trajetória como professor de francês de uma escola de ensino médio, localizada na periferia de Paris, local de mistura étnica e social, um microcosmo da França contemporânea. No filme, François Bégaudeau interpreta a si mesmo, foi ganhador do prêmio Palma de Ouro do Festival de Cannes de 2008, dirigido por Laurent Cantet, Busca desvendar o cotidiano de uma escola na França contemporânea.

Encaro a importância de analisarmos filmes no espaço acadêmico, vislumbrando a possibilidade de uma rica e instigante investigação sobre distintas temáticas que de uma forma ou de outra ensinam e auxiliam na promoção de inúmeros comportamentos às nossas crianças, jovens e adultos nas distintas instâncias culturais, sociais. Esclareço que neste artigo, encaro a análise do filme em questão, na perspectiva de Fantin (2009), a autora sugere que devemos considerar “o cinema como arte, indústria, dispositivo, linguagem, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos, e consideramos também o cinema como meio que enriquece a imaginação e alimenta o imaginário” (p. 220). Fantin continua suas investigações entorno dos entendimentos que o cinema promove e afirma da importância de estarmos atentos na direção que os filmes atuam tanto “no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sociopolíticocultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação e de educação, e num espaço de mediação entre o visível e o invisível” (Fantin, 2009, p. 221).

Com tal espírito investigativo, é que me apoio ao explorar alguns diálogos do filme *Entre os Muros da Escola*. Interessante destacar que o filme utiliza-se de técnicas de documentário, os personagens são os próprios atores na vida real. A temática central do filme gira em torno de uma turma de oitavo ano, mas restrito nas aulas de francês ministradas pelo Professor François Marin. A película também amplia o olhar, do espectador, para as relações cotidianas entre os diversos atores presentes em um ambiente escolar: alunos, professores, direção, enfim, a comunidade escolar como um todo. Busco Costa (2009), em um artigo intitulado *Um convite para olhar a Educação sob outros ângulos*, onde a autora problematiza algumas das alterações sofridas nas distintas sociedades

¹ Mestre em Educação - UFRGS



contemporâneas, que conseqüentemente afetam as relações educacionais, refletidas e exploradas no filme *Entre os Muros da Escola*. A autora relata que:

É uma afirmação amplamente difundida e aceita, hoje, a de que a vida nas sociedades contemporâneas tornou-se complexa, confusa, fragmentária e difícil de administrar. Os humanos destes tempos precisam moldar suas estratégias de existências em meio a um conjunto labiríntico de condições e possibilidades instáveis, provisórias, mutantes. (COSTA, 2009, p.15).

O filme vivenciado em uma Paris atual, difusa, ampla, cosmopolita; metrópole onde convivem, não tão pacificamente, milhares de pessoas, das mais distintas raças e etnias; coabitando um espaço em uma sociedade extremamente complexa e, de certa maneira, bastante fragmentado. Neste panorama, apresenta-se o desenrolar do cotidiano escolar do professor François, seus encantos, desencantos, tentativas, buscas, lutas, conquistas, vitórias, crises, enfim o cotidiano de uma sala de aula repleta de adolescentes das mais distintas etnias e raças.

Bégaudeau assumiu muito bem o papel de professor, mas são os adolescentes que impressionam: os intérpretes de Esmeralda, Koumba, Boubacar e Souleymane têm, cada um, momentos-solo surpreendentes. François e seus colegas professores preparam o novo ano letivo em uma difícil escola da periferia parisiense. Munidos das melhores intenções, eles se apóiam mutuamente para manter vivo o estímulo de dar a melhor educação a seus alunos. A sala de aula, um microcosmo da França contemporânea, testemunha os choques entre as diferentes culturas. E por mais inspiradores e divertidos que sejam os adolescentes, seu difícil comportamento pode acabar com qualquer entusiasmo dos professores.

Ressalto que, neste artigo, direciono meu olhar para o cinema como um lugar de exibição de filmes. Filmes entendidos como artefatos culturais, instâncias pedagógicas, propiciadores de múltiplas pedagogias culturais, que colaboram na constituição histórica dos sujeitos, nas mais diversificadas culturas. Costa (2005) nos alerta para a importância da *radicalidade histórica*, pois “estamos inapelavelmente imersos em culturas cujos discursos e práticas nos instituem como sujeitos históricos que somos, interessa-nos procurar compreender os processos que nos constituem e nos quais nos constituímos” (p. 206-207).

Entre os Muros...

O filme inicia apresentando a preparação da Escola para o início de mais um ano letivo. Os professores realizam suas apresentações, alguns são novatos na escola, outros já lecionam no estabelecimento já há alguns anos, Alguns professores dão suas impressões particulares dos alunos. Dentro de uma sala de aula o professor François se apresenta e tenta colocar ordem na sala. O



cenário da sala apresenta-se bastante conturbado: alunos inquietos, desobedientes, agitados, eufóricos.

Professor - Olá, eu sou o François, professor de Francês. Este é meu quarto ano aqui.
E sejam todos bem-vindos.

Um dos momentos do filme, que problematiza fortemente a questão da identidade de cada sujeito. Em uma das aulas de língua francesa, o professor François utiliza como exemplo, na construção de uma frase, o nome *Bill*. Esse acontecimento acarreta numa conturbada discussão sobre a escolha do nome, do porquê utilizar-se de um nome estrangeiro? Um nome desconhecido para a maioria dos alunos presentes. Nome que seria muito *esquisito* se utilizado no cotidiano francês. Transcrevo a discussão ocorrida:

Khoumba - E por que sempre Bota esse nome Bill?
François - Assobio?
Khoumba - Assobio não! Esse Bill aí.
Esmeralda - Sempre bota nomes esquisitos...
François - Não é esquisito.
É o nome de um presidente recente dos EUA, lembra?
Khoumba - Por que não bota Aïssata, ou Rachid, ou Ahamed...
Esmeralda - Sempre bota nomes coxinhas.
François - Nome o quê?
Esmeralda - Coxinhas.
François - Coxinhas como?
Esmeralda - Coxinhas... Nomes franceses.
Khoumba - Franceses.
François - E você não é francesa?
Khoumba - Não, não sou francesa.
François - Ah, não? Eu não sabia.
Khoumba - Eu sou, mas não tenho orgulho de ser.
François - Eu também não.
Também não tenho orgulho de ser francês.
Khoumba - Por que o senhor sempre escolhe nomes assim?
François - Olhe, Khoumba, escolher os nomes em função das origens de cada aluno é impossível.
Khoumba e Esmeralda [juntas] - Pode mudar um pouco! É... Chega de Bill, Bob...
François - Qual vocês sugerem?
Khoumba e Esmeralda [juntas] - Bintu!
- Aïssata!
- Fatou! Não...
- Não Aïssata!

Destaco que a sala de aula estava repleta de alunos de múltiplas origens raciais, étnicas e que a discussão apresentou-se em tom bastante desafiador, desrespeitando o professor, colocando em questão até onde a autoridade do professor poderia ser testada. O deboche, a ironia semeava o diálogo. Mas disso tudo, busco problematizar a questão da identidade cultural, que o pronunciamento do nome *Bill*, trouxe. De como a menção de *Bill*,



Proliferou um discurso polissêmico, posições de autoritarismo, pré-concebidas. Amparo-me em Stuart Hall, ao lembrar-nos da importância que a questão da identidade assume nas discussões das teorias sociais, para o autor “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2002, p. 7). O autor continua sua argumentação apontando para a *crise de identidade*, que para ele:

[...] é vista como parte de um processo mais amplo, de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2002, p. 7).

Um dos autores da atualidade, que se preocupa e volta-se consistentemente para a discussão das identidades é o professor e sociólogo polonês Zigmunt Bauman. Em seu livro, intitulado *Identidade*, o referido autor, nos traz um exemplo interessante de ser resgatado:

[...] Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, árabicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (Bauman, 2004, p. 32).

O texto do cartaz, referido por Bauman, nos alerta para as distintas posições que assumimos enquanto sujeitos nessa atual condição em que vivemos. Retrata, inteligentemente como nos estamos constituindo sujeitos na Contemporaneidade; somos produzidos por múltiplas identificações, inúmeros produtos, constantes alterações de valores. Movidos e regidos por uma ética e estética consumista, descartável; vivemos numa constante mutação entre identidades. Ao refletir sobre algumas das fragmentações identitárias dos sujeitos envolvidos no filme, destaco a presença da condição diaspórica em que muitos, dos personagens se encontram. Enfatizo que tal condição de dispersão de povos seja por motivos políticos ou religiosos, acarreta novos e outros conflitos existenciais e culturais. Um dos conflitos retratados no filme é o da linguagem, a discussão é sobre a utilização do uso correto da língua. Transcrevo parte de um diálogo, onde tal choque linguístico é abordado:

Aluno – Ninguém, fala assim. É sério!

Aluno - Eu tinha razão, era “fusse”.

Professor - Será que posso responder a pergunta que me fizeram?

- Se estiverem interessados mesmo.

Aluno - Eu autorizo.

Professor - Percebo que antes mesmo de aprender o uso do imperfeito do subjuntivo, já estão me dizendo que ele não serve para nada. Primeiro, aprendam. Depois, vocês podem questionar o uso dele.

Aluno - Por que está criticando a gente?

Aluno - Eles têm razão. A linguagem que a gente usa é diferente. Essa á antiga.



Nem minha avó fala assim.

Aluno - Nem meu bisavô falava!

Aluno - Isso é coisa da Idade Média.

Professor - Não é da Idade Média.

Aluno - É coisa de burguês!

Aluno - Quando foi a última vez que ouviu alguém falando assim?

Professor - Ontem. Conversando com meus amigos. È que o problema...

Aluno - Uma pessoa normal! Gente normal não fala assim! Nas ruas, ninguém fala assim.

Professor - Posso responder?

Eu gosto de discutir, mas com calma.

É claro que é verdade que nem todos falam assim. É raro alguém que fale.

Eu diria que só os esnobes usam o imperfeito do subjuntivo.

Aluno - É o que é esnobe?

Professor - Esnobes são pessoas um pouco, um pouco afetadas, rebuscadas, que falam com maneirismos...

Aluno - Os homossexuais?

Professor - Não, não são os homossexuais. A pessoa pode ser afetada e refinada sem ser homossexual, Boubacar. Em todo caso podemos achar que esse registro mais afetado seja uma coisa de burguês. O importante é avaliar os registros que existem, como sempre digo e vou repetindo e saber alternar todos: o coloquial, o formal, o oral e a escrita e viajar entre eles para dominar todos.

Aluno - Como sabemos o que usamos para escrever e para falar?

Aluno - Como saber se a palavra fica melhor na linguagem oral ou na escrita?

Professor - Bom, isso é uma coisa que normalmente se aprende com a prática. Quer dizer.

É preciso ter um pouco de intuição.

A discussão reproduzida ocorreu durante uma aula sobre a utilização correta de tempos verbais, caracterizando-se por um momento de desafio que os alunos promovem, para constranger e menosprezar a utilização correta da língua. O professor Martin conduziu a discussão de forma bastante esclarecedora, apontando para as distintas formas e utilizações da língua: *o coloquial, o formal, o oral e a escrita*. Martin alertou para o cuidado que deveríamos ter aos padrões lingüísticos, os próprios estilos e locais de aplicação, cada caso é um caso e a adequação da linguagem se faz necessária. Os alunos tentaram denegrir a utilização da língua formal, caracterizando-a como útil apenas por sujeitos esnobes, sujeitos afetados, homossexuais. A disputa estava lançada: Como falar correto? Quem fala corretamente? Qual a verdadeira necessidade? Para que? Para quem? Onde? Quando? As perguntas estavam geradas e o jogo do poder presente em cada argumentação realizada pelos alunos e professor. A discussão foi bastante profícua e problematiza o choque cultural enfrentado e reproduzido no espaço de poder refletido pela adequação do tipo de linguajar utilizado em cada cultura, espaço e tempo; enfim, nossas próprias vivências culturais, refletidas na forma que usamos nossa língua no cotidiano. Trago Silveira, que nos alerta sobre a utilização da fala:

Quando falamos sobre vivências culturais, a primeira tendência é tornar as nossas como “corretas”, “adequadas”, “naturais” e “normais”, enquanto as dos outros – os que não pertencem ao nosso grupo – consideramos “exóticas”, “inadequadas”, “espantosas” ou, decididamente, “risíveis”. Essa tendência moralista e etnocêntrica parece se exacerbar quando falamos da nossa língua – da variedade lingüística que usamos para falar e, secundariamente, para escrever – em relação às variedades de outros usuários (Silveira, 2009, p. 192).



No filme o professor Martin alertou, seus alunos, para o cuidado que deveríamos ter aos padrões lingüísticos, a variedade lingüística, os próprios estilos e locais de aplicação, cada caso é um caso e a adequação da linguagem se faz necessária. Os alunos tentaram denegrir a utilização da língua formal, caracterizando-a como útil apenas por sujeitos esnobes, sujeitos afetados, homossexuais. A disputa estava lançada: Como falar correto? Quem fala corretamente? Qual a verdadeira necessidade? Para que? Para quem? Onde? Quando? As perguntas estavam geradas e o jogo do poder presente em cada argumentação realizada pelos alunos e professor. A discussão foi bastante profícua e problematiza o choque cultural enfrentado e reproduzido no espaço de poder refletido pela adequação do tipo de linguajar utilizado em cada cultura, espaço e tempo; enfim, nossas próprias vivências culturais, refletidas na forma que usamos nossa língua no cotidiano.

É? Ou não É?

Volto-me para parte do diálogo, descrito anteriormente, onde os alunos associam a utilização de uma linguagem formal, culta, aos homossexuais. Praticamente durante todo o filme, as questões de gêneros, são fortemente registradas. Em um das falas os alunos questionam a sexualidade do professor Martin, transcrevo:

Professor - Quer fazer alguma pergunta? Então pergunte.

Aluno - Não, é muito sacana. Não é nada... Vai pegar mal pro senhor.

Professor - Pergunte e pronto. Ande!

Aluno - Dá sua palavra?

Professor - Ande logo!

Aluno - Sei lá... O pessoal diz... Não fui eu que disse! Ouvi dizer que o senhor gosta de homem.

[Turma toda ri e debocha do professor]

Aluno - Não fui eu que disse.

Professor - Quem disse isso?

Aluno - As pessoas. Elas falam: O Sr. Marin gosta de homem.

Professor - Certo. São os outros que dizem, você não? Isso não te interessa.

Aluno - Eu não ligo.

Professor - Então por que me perguntou?

Aluno - Por causa dos outros. Sou porta-voz.

Professor - Esse assunto não te interessa.

Aluno - Se gosta de homem, tudo bem.

Professor - É isso aí.

Aluno - Mas é verdade ou não?

Professor - Mesmo assim quer saber?

Aluno - Não é insulto ser homossexual.

Professor - Você diz que não é insulto, mas tenho a impressão que não acha legal. Parece que não aceita homens gostar de homens.

Aluno - Pode ser, não sei. Mas é verdade ou não?

Professor - Não, não é verdade. Está mais tranqüilo? Está?

Aluno - Na boa

Professor - Na boa nada. Desculpe decepcionar você.



A discussão entre o professor François e seus alunos foge do conteúdo proposto pela disciplina e entra para um campo da própria identidade do professor. Os alunos, de forma irônica e até mesmo agressiva, questionam se o professor é realmente homossexual. Oportuno trazer as contribuições de Louro que nos lembra que as identidades não são tão fixas e estáveis quanto parecem:

Ao conceber a identidade heterossexual como normal e “natural”, nega-se que toda e qualquer identidade (sexual, étnica, de classe ou de gênero) seja uma construção social, que toda identidade esteja sempre em processo, portanto nunca acabada, pronta ou fixa. Pretende-se que as identidades sejam - em algum momento mágico - congeladas (Louro, 2001, p. 139).

Outro ponto importante de ser debatido são as questões de gênero, neste aspecto a implicação não é somente dirigida para o caráter biológico de homens e mulheres, mas também para caráter social e cultural, construído e catalisado através de distintos espaços e tempos históricos. Meyer (2001) sugere que “Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc.” Quanto ao gênero, a autora sustenta a ideia de que “Gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais” (Meyer, 2001, p. 32).

Como apontei em minha dissertação de mestrado: “o conceito de gênero possibilita um olhar plural, diversificado sobre distintas construções de masculinidade e de feminilidade” (Corrêa, 2007, p. 97). Complementei minha argumentação, sugerindo que “Olhar com essa lente amplia as discussões para além de lógicas binárias, hermeticamente estagnadas. O singular é substituído gradativamente pelo plural, sugerem-se: identidades, masculinidades, feminilidades, homossexualidades, sujeitos e comportamentos variados”. (Corrêa, 2007, p. 97).

As Luzes se acendem...

O que posso afirmar é que minhas respostas são provisórias a considerar que sou sujeito histórico, cultural e subjetivado há todos os momentos. Sujeito imerso nos mais distintos contextos e circunstâncias, interagindo com sugestões e opiniões de múltiplas ordens. Encaro como motivador a possibilidade de suscitar outras interrogações e questionamentos sobre a Educação na contemporaneidade. Instiga-me o processo de compor outras narrativas, outras histórias do viver *Entre os Muros da Escola*, enfatizando a importância que as narrativas, as histórias assumem em nosso dia-a-dia.



Como nos sugere *Win Wenders: As histórias não desaparecerão. Assim como a necessidade de ouvir e ver histórias!* Assim, compreendo a análise aqui realizada como uma pequena história, uma mostra, uma ínfima fração do todo. Deixo apenas os questionamentos, jamais certezas, comprometido em analisar por outros ângulos as narrativas produzidas e reproduzidas no filme *Entre os Muros da Escola* e colocar em xeque modelos legitimados e compreendidos como naturais.

Bibliografia

- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.
- CORRÊA, Anderson Rodrigues. *No escurinho do cinema... Sobre HIV-AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora Universidade – UFRGS, 2000.
- FANTIN, Mônica. Cinema e Imaginário Infantil: a Mediação entre o Visível e o Invisível. In: *Educação & Realidade*: Porto Alegre, v. 34 n. 2. mai. ag. 2009.
- HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MEYER, Dagmar. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, Lia (Org.) *Gênero, memória e docência*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Língua não nos separa. In: *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.